

De Las Peñas de Santa María de Guadalupe à atual cidade de Puerto Vallarta, México. Permanências na transição de povoado a cidade turística

Gabriela Scartascini Spadaro¹

Tradução de Julia Batista Alves e Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho²

Resumo: Um dos destinos turísticos de nível mundial com o qual conta o México é Puerto Vallarta, situado no estado de Jalisco, na costa do oceano Pacífico. Desde a sua fundação, o culto mariano está associado a este destino, pois o nome original foi Las Peñas de Santa María de Guadalupe. Ao longo da história da comunidade provinciana, a Guadalupana se converteu em elemento de identidade para a coesão social. Neste ano se cumprem 90 anos de sua hierarquização como Paróquia, feito que provocará inumeráveis celebrações assim como a certeza da permanência incontestável da Virgem Morena neste destino turístico que, em 1918 passou a ser chamado de Puerto Vallarta.

Palavras-chave: Religiosidade – Virgem de Guadalupe – Puerto Vallarta, México.

De Las Peñas de Santa María de Guadalupe a la actual ciudad de Puerto Vallarta, México. Permanencias en la transición de un pueblito a ciudad turística

Resumen: Uno de los destinos turísticos de nivel mundial con que cuenta México es Puerto Vallarta, situado en el estado de Jalisco, en la costa del océano Pacífico. Desde su fundación, en 1851, el culto mariano está asociado a este destino pues el nombre original fue Las Peñas de Santa María de Guadalupe. A lo largo de la historia de la comunidad lugareña, La Guadalupana se ha constituido en elemento de identidad para la cohesión social. Este año se cumplen 90 años de su jerarquización como Parroquia, hecho que provocará innumerables celebraciones así como la certeza de la permanencia tangible de la Virgen Morena en este destino turístico que, en 1918, pasó a llamarse Puerto Vallarta.

Palabras clave: Religiosidad – Virgen de Guadalupe – Puerto Vallarta, México

From Las Peñas de Santa Maria de Guadalupe to the present city of Puerto Vallarta, Mexico. Continuity in the transition from a Little town to a big touristic city

Abstract: Puerto Vallarta is one of the mexican world-class touristic destinations. It's located in the state of Jalisco, in the Pacific ocean coast.

Since its founding in 1851, the Marian cult is associated with this place as the original name was Las Peñas de Santa Maria de Guadalupe. Marian devotion has been an element of social cohesion and identity for the village community. This year marks 90 years of their ranking as a parish, a fact that will cause countless celebrations as well as the certainty of the permanence of the Virgen Morena, tangible sign in this tourist destination which was renamed as Puerto Vallarta in 1918.

Keywords: Religiocity – Virgin of Guadalupe – Puerto Vallarta, Mexico.

Introdução

A construção de um espaço regional representa a articulação de variáveis que vão definindo-se como base no processo sócio-cultural, que pode superar, até mesmo, os limites políticos e geográficos. Dessa forma, o território cobra significação de seu espaço, quando se define desde a sociedade que o habita. Uma das questões mais complexas nos processos históricos regionais é a relação entre a visão sócio-cultural de seus habitantes e a evolução que se encontra intimamente ligada ao desenvolvimento econômico e financeiro devido à apropriação dos espaços por parte de elementos do poder dominante.

Milton Santos (1996)³ assevera que a noção de “região” não pode desenvolver-se isolada da totalidade que implica o Estado-Nação. Afirma que um espaço geográfico regional não pode desprender-se da conjuntura pela qual atravessam os países. O México é uma região cultural com um sentimento de religiosidade devoto para a evocação mariana da Virgem de Guadalupe. Em todos os estados, em todas as regiões, a homenagem se repete a cada 12 de dezembro. A história das Peñas de Santa María de Guadalupe – atual Puerto Vallarta – é exemplo desta afirmação: desde suas origens, a região, às margens do rio Cuale, esteve relacionada com interesses políticos e econômicos assentados na cidade de Guadalajara, capital do estado de Jalisco; e quanto aos aspectos religiosos, a Virgem de Guadalupe conduziu a comunidade portenha desde a sua fundação.

O documento oficial que certifica a fundação de Puerto Vallarta foi realizado durante os preparativos para a celebração de seu centenário em 1951. A informação sobre a origem do Puerto de Las Peñas foi tomada de testemunhos orais dos habitantes mais antigos. O corpo da declaração menciona que Guadalupe Sánchez Torres chegou a essas terras vinda de sua terra natal Cihuatlán, em 12 de dezembro de 1851 e, devido ao fervor guadalupano de sua mãe, as chamou de Las Peñas de Santa María de Guadalupe.

A partir de então, existiu um povoado original chamado Las Peñas, com uma mínima organização política. Esta é a base histórica da qual se partiu para conformar Puerto Vallarta. Enquadrada na hierarquia de Comissaria, Las Peñas se converteu, em poucas décadas, em um espaço sumamente propício para o desenvolvimento humano devido as vantagens comparativas que oferecia tanto a sua saída para o mar quanto as terras férteis aptas para a agricultura e a criação de gado. Desta forma, o povoado às margens do rio Cuale foi a opção para numerosas famílias da região. Assim foi forjada esta comunidade que, em 1918, passou a ser Município.

A cotidianidade popular seguiu seu caminho até que, lentamente, com o estabelecimento do fenômeno turístico, o povoado se transformou em cidade, com os benefícios e desvantagens que acarreta toda transição. Entretanto, ainda hoje, as famílias do Vallarta Viejo guardam costumes compartilhados que não são nem sequer concebidos pela grande maioria da população que covive com elas.

Tal como o faziam antes das decisões políticas de mudança e a chegada do turismo, as famílias de Vallarta Viejo, em pleno século XXI, mantêm estes costumes e tradições: deslocam os membros da comunidade que faleceram pelas ruas do povoado, desde a Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe até o Cemitério, logo em seguida à missa de corpo presente; os sinos do Templo soam para informar sobre os festejos e falecimentos; para a organização econômica doméstica, possuem uma rede de distribuição de alimentos (desde mangas até queijo), seguindo o velho costume, casa por casa; todos os anos, como uma tradição estabelecida desde a fundação de Las Peñas, reiteram-se as peregrinações em honra à Virgem de Guadalupe no mês de dezembro.

Há muitos anos, a tradicional peregrinação das famílias de Vallarta Viejo se realiza com data fixa: em 2 de dezembro às 8 da noite; com o intuito de organizá-la, uma vez por mês as famílias realizam um café da manhã comunitário. Impresso nos convites para este

evento, encontramos o lema: “Pela conservação de nossas raízes. Cultivemos a amizade e os bons costumes”. A convivência se inicia com a benção do padre; como uma tradição que perdura, na convivência mensal estão os que contam piadas, fazem brincadeiras, que cantam e conduzem os sorteios; as festas de aniversário ou casamentos, realizados em algum rancho das mesmas famílias, se constituem em ocasiões para repetir-se as piadas, as brincadeiras, as canções e as histórias dos cafés.

Estes vallartenses se conhecem e, por isso, já sabem que papel corresponde a cada um e em que momento da convivência serão realizadas as diferentes atividades; formam comitês para desenvolver as atividades, por exemplo, para criar o museu de história de Vallarta; todos os anos, desde 1926, é realizada a Missa Jurada em honra ao Sagrado Coração, em agradecimento a um favor concedido ao povoado por deter a chuva torrencial que ameaçava arruinar a colheita desse ano; todas às quintas e domingos pela tarde, na Praça de Armas, os “velhos” de Vallarta se reúnem, pontualmente, para escutar a Banda Municipal de Música.

Historicamente, durante o século XIX e inícios do século XX, Las Peñas foi conformando-se com famílias que migravam de povoados como Mascota, Talpa, San Sebastián, la Yerbabuena e Compostela, entre outros povoados da região. Ao atracar na costa, se assentavam no espaço que agora é o centro histórico do porto, o Bairro Centro. Seus limites abrangiam desde o rio Cuale até o córrego dos Coamecates (hoje, rua 31 de Outubro, onde se encontra instalado o Hotel Rosita). À medida que o povoado foi crescendo, no início da década de 50, se estabeleceram dois novos bairros: Emiliano Zapata (em direção ao sul) e 5 de Dezembro (ao norte; onde se encontrava o cemitério). A grande maioria dos entrevistados, ainda hoje, continuam vivendo nestes três bairros.

No jornal oficial do Governo do Estado de Jalisco da quarta-feira de 5 de junho de 1918, o Governador Substituto do Estado, Manuel Bouquet, fizera saber, através do decreto de 1899 do Congresso do Estado que, a partir de 31 de maio desse ano, se ergueria na Municipalidade três Delegacias entre as quais se assinala a de “Puerto de Las Peñas que ficará com os mesmos limites que atualmente tem e se denominará Puerto Vallarta.” O nome escolhido para nomeá-la o determinou o juriconsultor Ignacio L. Vallarta, quem havia sido Governador do Estado de Jalisco.

A região que se transformou em Município em 1918, foi conformando um espaço social que se assegurou, pouco a pouco, com a chegada de uma imigração disposta a unir-se a este destino que estava surgindo. Com a aparição de fortes interesses locais, começa a projetar-se uma comunidade local cuja convivência em um espaço comum, será determinante para traçar e perfilar traços comuns que os identificarão ainda na atualidade.

A partir de 1918, os documentos oficiais da política e administração fazem menção a Puerto Vallarta; entretanto, no âmbito religioso, vários são os documentos que continuavam a referir-se ao povoado como Las Peñas; por exemplo, os expedientes relativos à ereção da Paróquia de Las Peñas de 1921, assim como uma ata de Batismo de 1922 ou a Juramentação ao Sagrado Coração que realizou o povo em 1926 e é um costume vallartense que ainda hoje perdura. Esta é instaurada por um milagre que o povo pede ao Coração do Rei e que é concedido; por isso se declara a Festa do Sagrado Coração de Jesus como festa principal do povoado. O texto do juramento começa assim: “Em Puerto de Las Peñas, Jalisco, às 12 horas do dia seis de janeiro de 1926, reunidos todos os que baixo firmamos na Casa Paroquial deste lugar, baixo a Presidência do Pároco, Presbítero Francisco Ayala, para atraí-lo a nosso favor de maneira especial, para que cessem as atuais chuvas que são um obstáculo grave para que se façam as sementeiras de verão...”

E assim ela foi conhecida durante anos, para questões legais: Puerto Vallarta. Mas, para a formação como sociedade e do ponto de vista religioso, Las Peñas.

O sentido da religiosidade

As famílias da região que migraram em direção às margens do Cuale viviam em povoados onde os costumes religiosos e educativos eram similares. Então, o tecido social portenho se forja a partir do coração da mesma região. A influência da religião foi determinante pois penetrou em toda a vida social popular.

Durante o século XIX, nos primeiros anos da chegada de Guadalupe Sánchez e sua família às margens do rio Cuale, a vida transcorria ligada ao transporte do sal e a atividade mineradora. Assim, “todas as tardes, ao pôr-do-dol, as mulheres e os homens que haviam voltado de seus trabalhos, rezavam o rosário na casinha da santa de Nossa Mãe Maria de Guadalupe” (Mantecón de Garza, 1951).

Em 1822, A Companhia União em Cuale cedeu um terreno para a capela, atrio e casa do capelão de Las Peñas. No ano seguinte, foi colocada a primeira pedra do templo onde agora está a Paróquia e em 1884 se declarou à Virgem de Guadalupe, a Padroeira do Porto. A presença da religião caminhava junto com o crescimento populacional e as necessidades comerciais e políticas. Em 28 de janeiro de 1887 foi firmado a primeira ata de nascimento no Registro Civil do povoado de Las Peñas de Santa María de Guadalupe. A colocação em marcha do Registro Civil, signo da projeção regional de Las Peñas, permitiu que fossem registradas as procedências e as redes sociais e familiares que forjaram este destino. Seja no âmbito religioso ou no político, o porto se fortalecia.

Em 1916 chegou a Las Peñas o Padre Francisco Ayala. “Ao encarregar-se da Vicaria (todavia não era Paróquia) começou a promover entre seus paroquianos a edificação de um templo que fosse mais amplo e ornamentado que a capela onde oficiava, um templo que respondesse às necessidades da comunidade religiosa e fosse digno de ser a sede na qual se veneraria como Padroeira, à Virgem de Guadalupe.” (Torres Aréchiga, s/f).

Nessa data começaram a abrir os cimentos dos muros. Vários anos durou a construção. Conta-se que todos os domingos, ao saírem da missa maior, homens, mulheres e crianças, motivados pelo senhor padre Ayala que também os acompanhava, iam às margens do rio Cuale a levar uma viagem de pedra para encher as escavações da Capela de Nossa Senhora de Guadalupe.

O ano de 1921 se apresenta como data comemorativa e decisiva. Sob a jurisdição do Senhor Padre Ayala, foi aprovado o erguimento da Paróquia de Las Peñas. Tempos depois, e devido à iniciativa do senhor padre, a Vicaria foi elevada à Paróquia. Como Santo Patrono do templo, foi escolhido São José e “quanto ao santo titular da igreja paroquial, pelos dados recolhidos dos vizinhos mais antigos do lugar foi designada como titular Nossa Senhora de Guadalupe cuja imagem permaneceu sempre colocada no altar maior” (livro do Governo).

Sara Díaz de Nuño chegou a Vallarta (“Las Peñas”, se dizia) em 1925: “Quando cheguei a Vallarta eu era muito pequena, corria até a rua Juárez e via passar toda a gente com suas velas. Senhora de saíotes compridos com seu paletó e eu ouvia que rezavam à Virgem de Guadalupe.”

Nessa cotidianidade do povo, ocorriam as práticas e os diálogos que foram sustentando a solidariedade portenha. Um dos eventos que ainda hoje persiste é a Missa Solene ao Sagrado Coração de Jesus. Josefina Cortés Lugo de Torres (vallartense nascida em 1918 quando todavia era Las Peñas) lembra:

Houve uma chuva persistente durante oito ou dez dias e não se alcançava as sementeiras de verão; tudo foi por água abaixo e então o Senhor Padre Francisco Ayala, primeiro pároco da Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, convidou a todos os membros da União Popular (a atual Ação Católica para homens), que já estavam organizados, e a todas as pessoas representativas do porto e as reuniu durante a noite e lhes disse: temos que fazer uma promessa ao Sagrado Coração”. Foi quando foi feito o juramento. A região estava sendo muito prejudicada. Por isso, foi realizada a reunião.

Como foi organizada a celebração?

O convite do senhor Padre, quem tinha uma maneira muito especial de ser, mobilizou não só a União Popular, como também os vizinhos (pessoas da comunidade), comerciantes e autoridades do povoado. Foi realizada uma peregrinação e uma missa solene. O compromisso não foi somente para com os representantes; foi também para seus descendentes, para todo o povoado de Vallarta e para todas as pessoas que veem assentar-se nesse lugar. [O juramento declarava] o dia da Festa do Sagrado Coração de Jesus que se celebra no mês de junho como festa principal do povoado. O acordo foi ratificado e assinado em 7 de janeiro de 1926 pelas pessoas do povoado entre as quais se menciona as famílias: Mora, García, Villaseñor, Gutiérrez, Ponce, Bemal, Zaragoza, Macedo, Santana, Torres, Gomzález, Pilas, Joya, Gómez, Arreola, Rodríguez, Lepe, Quintero, Betancourt, Güreña, Langarica, Sahagún e Espinoza. Todos esses sobrenomes são de larga tradição no porto, com três ou quatro gerações de vallartenses nativos.”

Outra tradição que ultrapassou o século XX é a Peregrinação dos Favorecidos, uma das mais esperadas pois é a que se realiza em honra à Virgem de Guadalupe, no dia 12 de dezembro, às 12 horas do dia. Na atualidade, a peregrinação dura várias horas durante as quais os vizinhos da região, assim como o residentes vallartenses, se juntam para render sua homenagem pelos favores recebidos. Josefina Munguía de Ávalos, de família cujo sobrenome eterno chega a Las Peñas no século XIX, recorda a origem desta peregrinação:

Em maio do ano de 1947 fomos ao México à peregrinação que se fazia a cada ano na diocese de nayarit. Era a primeira vez esse ano. Naquele tempo não havia ônibus. Fomos em uma caminhonete chamada tropical, era um desses carros descobertos, íamos em 37 pessoas. O senhor que ia com a peregrinação se chamava Agapito Medina, que era quem tinha o serviço de transporte urbano da região. Íamos Bernardo Gradilla, Alfonso Siordia, Clea Siordia, Mariana Torres e sua filha Emma Bernal, CarmenMacedo Ponce, Chole Santana, Cuca Montes, maría Covarrubias, Chelo Murguía, minha mãe Elodia, entre os quais eu me lembro. Quando retornávamos do México, ficou uma pessoa e o seu assento foi dado a Donaciano Prado que era o delegado de fazenda. Voltamos por um caminho de colina que se chamava A Tigresa. Passamos por um povoadinho que se chamava O Conde. Ali compramos umas frutas e vínhamos tão contentes quando de repente, na descida faltaram os freios do carro e ele foi descendo; a medida que ia descendo a colina ia aumentando a velocidade e o precipício à frente se via mais profundo e o motorista fazia todos os esforços e dizia: morremos, morremos! Vamos morrer! E todos vendo a velocidade com que ia o carro e onde ia parar, o senhor Prado, que viu o grande problema em que estávamos e que o carro se aproximava do penhasco, então, saltou do carro e assim se matou. Todos vimos que o carro ia só em duas rodas. Ficamos todos nesse momento diante do depenhadeiro. Alguém gritou, e eu não sei quem, Virgem de Guadalupe! Disse Virgem de Guadalupe! Mas um grito com choro e, nesse momento, foi como se alguém tivesse parado o carro. Ficou preso entre as pedras e na areia da colina estava. Antes que o carro se detivesse, vimos o barranco, vimos a profundidade a que íamos todos. Puxaram o carro de lá com um trator com todos nós dentro para não desequilibrar o carro (...) Isso foi em maio. Em dezembro, para as festas guadalupanas, Agapito Medina nos chamou a todos a uma junta e nos perguntou o que achávamos em participar da peregrinação. Já mandei fazer um retábulo. No dia 12 de dezembro entramos com uma manta que nos identificava como seus filhos agradecidos. Eramos 37...”.

A religiosidade vallartense se descobre na cooperação para juntar fundos para as necessidades do templo assim como com o festejo das festas e sua permanência no tempo. O fervor religioso à Virgem de Guadalupe existe em Las Peñas desde sua origem, se fortaleceu com o Padre Ayala e se aprofundou com o Senhor Sacerdote Parra (1942-66) quem mudou a imagem que se encontrava no templo pela que atualmente recebe ao peregrino quando se aproxima: “O pintor da nova imagem foi o famoso artista Don Ignacio Ramírez, de Guadalajara, Jalisco, e resultou esta sua obra (a óleo) uma lindíssima cópia, o quanto possível, do Sagrado Original (...) O mencionado Senhor Sacerdote, ao assistir às Festas do cinquentenário da Coroação de Nossa Senhora de Guadalupe em sua basílica de tepeyac (12 de outubro de 1945) levou consigo a Imagem” e conseguiu que Ilhe dessem o

original. As ações do padre Parra foram importantes para a sanção de normas nas relações sociais. Félix Macedo, amigo pessoal, comenta:

O Senhor Sacerdote Parra chega em abril de 1942. Naquele tempo a Paróquia de Guadalupe era a única que havia na cidade e a qual pertenciam os povoados de Las Juntas, Ixtapa, el Ranchito, Las Palmas, Tebelchía e alguns povoados de Nayarit como o Valle de banderas, San Juan de Abajo, El Colomo, San José del Valle, Bucerías, etc., assim que o trabalho era bastante e o Senhor Sacerdote Parra não tinha todavia, Vigário que o ajudasse.

Na Paróquia havia muitas carências e o templo estava em construção. No teto havia uma cúpula e suas abóbadas, o altar e as imagens estavam muito deterioradas pelo tempo e a maior parte do piso estava em terra; mas ele, com todo seu empenho, seu engenho e firmeza para fazer as coisas, conseguiu transformar e remodelar aquele tempo que recebeu, no maravilhoso templo que agora temos, decorando-o e enchendo-o de verdadeiras obras de arte como são o altar maior de mármore, a Imagem da Virgem de Guadalupe lado a lado com a original de Tepeyac, as estações de Via Cruces, os diferentes altares com suas imagens, lindas obras tlhadas em madeira, o relógio público da torre, novos sinos que adquiriu e, a mesma torre, da qual teve a idéia de que seu término estrutural fosse em forma de coroa, a qual é admirada e reconhecida já internacionalmente como símbolo de nossa cidade.

A religiosidade vallartense se viu fortalecida e guiada por sacerdotes com forte presença: Francisco Ayala e Rafael Parra Castillo. Durante 50 anos, a vida popular escutou suas vozes e propostas. Parra Castillo morre justo quando a transformação associada ao turismo se desenha como um perfil mais definido. Ainda hoje, nos cafés das manhã que se organizam mês a mês para esquematizar a peregrinação de dezembro, ambos sacerdotes permanecem no imaginário tanto das famílias de Vallarta Viejo como do pároco atual, como signos de coesão social.



Praça principal de Puerto Vallarta, chamada “Praça de Armas”. Ao fundo, Paróquia sem a coroa característica. Década de 50.



Praça principal e fachada da Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe – Puerto Vallarta – por volta de 1970



Praça principal. Ao fundo, Paróquia de Nossa Senhora de Guadalupe. Ano 2010.

História de um povo com memória

¿Por qué necesitamos recordar? Porque el pasado constituye realmente el fondo de nuestra identidad, individual o colectiva, y porque sin un sentimiento de identidad, sin la confirmación que ésta da a nuestra existencia, nos sentimos amenazados y paralizados. Esta exigencia de identidad es, pues, perfectamente legítima: necesito saber quién soy y a qué grupo pertenezco.

Tzvetan Todorov⁴
La memoria del mal

Os significados dos imaginários permitem resposta às perguntas como: quem somos como coletividade?; Onde e em que estamos inseridos?; Quem somos uns para os outros?; Quem diz o que devemos conhecer? E como? Com qual estrutura de pensamento?; Qual é o valor histórico do pensamento cotidiano?; Como apropriar-se da própria realidade, com clara consciência histórica de nosso “ser fazedor” da cotidianidade do nosso entorno?; De que maneira reconstruir um espaço que cedeu terreno simbólico e físico ao “outro”, o grupo

social alheio aos nossos costumes e tradições?; Se compreendemos a sustentabilidade como a valorização do nosso próprio passado para ter a opção de ressignificar o presente, qual é a razão para trazer à memória coletiva imaginários do passado, a cotidianidade da história recente e sua recontextualização na diacronia histórica?

Reconstruir e recuperar os imaginários com os quais se forjou uma identidade é perceber essa outra realidade que não se encontra nos livros de história mas que permite prender, agarrar a totalidade de uma época. Região, identidade local, imaginários coletivos e memória social compartilhada são variáveis que, necessariamente, se deve levar em consideração no momento de articular os pressupostos teóricos da história oral. Por isso, tal como assegura Le Goff (1991)⁵: “La memoria, a la que atañe la historia, que a su vez la alimenta, apunta a salvar el pasado sólo para servir al presente y al futuro. Se debe actuar de modo que la memoria colectiva sirva a la liberación, y no a la servidumbre de los hombres”.

A sociedade tradicional, denominada Famílias de Vallarta Viejo, festeja a sua Padroeira desde o tempo de Las Peñas. Em 1957, a primeira guia bilingue para os turistas pioneiros que chegavam ao porto, assinalava: “A festa principal do povoado é no dia 12 de dezembro, dia dedicado à Virgem de Guadalupe, padroeira do povoado. Durante todo o dia chegam peregrinações dos povoados próximos para reverenciar à Virgem Morena (...) Pela noite, todo o povoado se congrega na praça e na barragem e entre músicas e rojões espera o momento em que se acende o tradicional castelo que se reveste de luzes e cores”⁶ A transformação do povoado agricultor e pesqueiro em uma cidade turística atingiu o alcance da proposta que se apresenta a seguir:

Transição de sociedade tradicional a industrial ⁷

Critérios	Sociedade tradicional	Sociedade industrial
Grupo local	Povoado- aldeia- vizinhança Importância ao parentesco	Grupo de parentesco menos importante
Religião	Presente em toda a vida social	Toca uma esfera especializada: religião separada da vida
		Se diferencia de acordo com

Estratificação social	Não se distinguem claramente camadas sociais	a industrialização
Ideologias relativas à estratificação social	Não se violenta a situação social	Aquisição através da luta competitiva
Demografia	Pouca povoação com alto potencial demográfico	Extraordinário aumento da população
Centro típico	Povoado, vizinhança. População rural	População crescentemente urbana. Destruição da aldeia-povoado
Caractéres gerais da sociedade, a cultura e a personalidade	Todas as funções tendem a não diferenciar-se dentro do sistema social (família, economia, religião)	Diferenciação por especialização
Sistema de valores	Tradição, sangue, terra, divindade	Trasnformação = o progresso, liberdade
Grau de transformação	O antigo = sagrado. Domínio da tradição	Exaltação do novo, busca de mudanças
Economia	Economia “natural” produção para satisfazer necessidades de grupo concreto.	Produção para satisfazer uma demanda abstrata Ênfase na publicidade, consumo e economia monetária
Procedimentos de produção	Artesanal (por unidade)	Em série
Unidades econômicas típicas	São as que correspondem à organização social: família extensa, oficina artesanal e actividade agrícola	Empresa anônima. Sociedade de capital.

Entretanto, a tradição religiosa pela Virgem de Guadalupe continuou presente e fortalecendo-se, a pesar das grandes transformações estruturais que viveu esta comunidade que se viu surpreendida pelo turismo, indústria que mudou sua forma de vida.

Fechamento

Durante mais de 150 anos, a Guadalupana foi um motor de coesão social entre a comunidade de Vallarta e sua paróquia, cuja torre principal faz luzir uma coroa que identifica o destino turístico a nível global, se constitui em um dos atrativos turísticos por excelência desta região do Pacífico mexicano.

José Cabrera, quem desde pequeno colaborou com o serviço da Paróquia, a reconhece como “A Paróquia Mãe da região (...) território que foi desde Las Palmas, Valle de Banderas, El Cantón, La Desembocada até El Tuito (...) Todas as Paróquias, durante décadas, foram assistidas pela Paróquia Mãe. Agora atende à zona do centro do porto e também ao turismo flutuante que diariamente nos visita, sobretudo em acontecimentos como é a festa guadalupana, a Semana Santa, o Natal e o Ano Novo, por isso há uma missa especialmente para eles.”

O ano de 2011 é uma ano especial para a comunidade vallartense pois se cumprem 90 anos da elevação da capela de Nossa Senhora de Guadalupe à categoria de Paróquia. A celebração não se fará esperar. Durante uma semana as homenagens chegarão a todos os cantos da região que teve este templo como titular de seus ranchos durante várias décadas. Através da permanência e do fortalecimento da imagem da chamada Virgem Morena, o espaço regional evoluiu de povoado à cidade ao mesmo tempo que realizou permanentes encontros e reencontros com a virgem que deu o nome original a este espaço chamado Puerto Vallarta.

Referências bibliográficas

GERMANI, Gino. *Política y sociedad en una época de transición. De la sociedad tradicional a la sociedad de masas*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1971.

LE GOFF, Jacques. *El orden de la memoria. El tiempo como imaginario*. España: Editorial Paidós, 1991.

MONTES DE OCA DE CONTRERAS, Catalina. *Guía bilingüe de Puerto Vallarta*. Gobierno del Estado de Jalisco, 1957.

SANTOS, Milton. *De la totalidad al lugar*. Barcelona: Oikos – Tau, 1996.

TODOROV, Tzvetan (1999) “La memoria del mal” en http://www.unesco.org/courier/1999_12/sp/dossier/txt01.htm. Consultado en octubre de 2010.

¹ Doctora en Ciencias para el Desarrollo Sustentable por la Universidad de Guadalajara. Jefa del Departamento de Artes, Educación y Humanidades, Centro Universitario de la Costa, Universidad de Guadalajara. Perfil PROMEP 2010-2013. Contato: lauraeva@hotmail.com

² Julia é mestranda pelo PROLAM/USP, graduada em Letras (espanhol) pela USP. Eduardo é doutorando em História Social pela USP, mestre em História do Tempo Presente pela UDESC.

³ Santos, Milton. *De la totalidad al lugar*. Barcelona: Oikos – Tau , 1996.

⁴ Todorov, Tzvetan (1999) “La memoria del mal” en http://www.unesco.org/courier/1999_12/sp/dossier/txt01.htm. Consultado en octubre de 2010.

⁵ Le Goff, Jacques. *El orden de la memoria. El tiempo como imaginario*, España: Editorial Paidós, 1991.

⁶ Montes de Oca de Contreras, Catalina (1957) *Guía bilingüe de Puerto Vallarta*. Gobierno del estado de Jalisco.

⁷ Germani, Gino. *Política y sociedad en una época de transición. De la sociedad tradicional a la sociedad de masas*. Buenos Aires. Editorial Paidós, 1971.